



## **Experiências Musicais na Escola Parque 313/314 Sul: Reflexões sobre Gênero**

**MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC**  
**SUBÁREA: Educação Musical**

*Nicolly Barreto Melo*  
*Universidade de Brasília*  
*nicollybm1@gmail.com*

*Flávia Motoyama Narita*  
*Universidade de Brasília*  
*flavnarita@unb.br*

**Resumo** Na minha vivência durante os anos de graduação, percebi que no meio musical existe um número menor de mulheres do que de homens e além disso, uma diferença na vivência musical, por isso, decidi pesquisar sobre a relação de crianças com a música com um recorte de gênero. Esse trabalho tem como objetivo perceber como as práticas musicais são experienciadas por meninos e meninas na Escola Parque 313/314 Sul em Brasília. Para a coleta de dados utilizei entrevistas com as crianças e com professores de música da escola. Apoiei-me em teorias feministas, da música, da educação e da educação musical, com foco no livro de Green (1997). Esse trabalho me permitiu entender como gênero perpassa a escola e principalmente a aula de música e também a necessidade de sempre pensar gênero na atuação docente.

**Palavras-chave** Educação Musical, Escola Parque, Brasília, Gênero, Teoria do Significado Musical de Green.

Musical Experiences at Escola Parque 313/314 Sul: Reflections on Gender

**Abstract** In my experience during my undergraduate years, I realized that in the musical world there are fewer women than men and, in addition, there is a difference in the musical experience, so I decided to research the relationship between children and music with a gender cut. This work aims to understand how musical practices are experienced by boys and girls at Escola Parque 313/314 Sul in Brasília. To collect data, I used interviews with children and music teachers at the school. I based myself on feminist theories of music, education and musical education, focusing on Green's book (1997). This work allowed me to understand how gender permeates the school and especially the music class and also the need to always think about gender in teaching.

**Keywords.** Music Education, Escola Parque, Brasília, Gender, Green's Theory of Musical Meaning.

### **Introdução**

Este trabalho é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo objetivo geral foi: analisar a relação e a compreensão de alunos(as) e professores(as) da Escola Parque

313/314 sul sobre gênero e música. Nessa comunicação, discutiremos gênero nas práticas musicais na referida escola.

Durante a minha graduação em Música me deparei com situações em que percebia as diferenças em ser mulher no dia a dia do curso. Por exemplo, nas disciplinas de prática de conjunto os homens dominavam a prática. Eles ficavam com a maioria dos instrumentos e tocando em muitas músicas, enquanto as mulheres estavam, em sua maioria, cantando ou tocando em poucas músicas. A liderança dos homens também era visível na decisão do repertório, instrumentação e organização dos ensaios.

Demorei bastante a ter contato com questões de gênero, apesar de ser algo tão presente na vivência como musicista. Esse contato só foi acontecer quando me interessei em procurar disciplinas que incluíssem estudos sobre gênero. Percebo, e cada vez mais entendo, a necessidade de pensar e incluir essa temática na minha atuação como professora e como musicista.

Entre os anos de 2021 e 2022 fiz um projeto de iniciação científica de título: “Mulheres e suas criações musicais: práticas e (re)conhecimento”. A pesquisa investigou a prática de composição de mulheres e homens matriculados na graduação na UnB. Durante o desenvolvimento deste projeto, li o livro de Green (1997) que foi usado como principal referência do trabalho. Na segunda parte do livro, a autora descreve uma pesquisa feita em escolas da Inglaterra no ano de 1992 em que ela observa aulas, entrevista professores e alunos para entender a relação de meninas e meninos com a música desde a escola. Como iria começar o TCC no semestre seguinte, achamos interessante utilizar as perguntas da entrevista de Green com jovens de nosso contexto.

Diferentemente da pesquisa de Green, que investigou a prática e entrevistou crianças de 9 a 14 anos, a escola parque, espaço escolhido para a pesquisa, atende estudantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais, ou seja, de 5 a 11 anos aproximadamente. Com isso, estamos cientes da diferença de faixa etária, assim como da diferença de contextos de educação musical na Inglaterra de 1992 e no Brasil de 2023. Fizemos adaptações das perguntas para a nossa realidade.

Investigamos a escolha de instrumentos, a prática do canto e o repertório utilizado em sala de aula. “As mulheres estão presentes em maior número nos cursos de canto, dos instrumentos pequenos, que possuem menor projeção sonora e também não fazem o uso de amplificadores”. (ALVES, 2020, p.22) As meninas, já na infância são incentivadas a cantar e tocar instrumentos pequenos e com pouca projeção? As meninas consideram que realizam bem as atividades? Meninas e meninos gostam das músicas que são levadas para a sala de aula?

Buscamos estas respostas nas entrevistas com as crianças e com os professores, mas antes colocamos o embasamento utilizado para essa pesquisa.

## **Música, gênero e educação**

Segundo Green (1997, p.13), o fazer musical para mulheres era principalmente na esfera privada e para os homens na esfera pública. Green chama esse fenômeno de patriarcado musical. A esfera privada está ligada ao fazer doméstico: cantar enquanto cuida dos filhos ou da casa e tocar piano, um instrumento móvel e de difícil locomoção. Quando as mulheres começam a adentrar a esfera pública, replicam as atividades de esfera privada, como o cuidar e o educar. Assim, as mulheres começaram sua atuação na música principalmente nas escolas, em espaços educacionais e na igreja.

É importante ressaltar que o livro de Green foi escrito em 1997 e a discussão de gênero ainda circundava um conceito binário, ou seja, só eram considerados dois gêneros, feminino e masculino. Estudos atuais de música e gênero ainda não se libertaram completamente do binarismo, mas percebe-se um caminhar para um olhar mais aprofundado e plural do que seja gênero. Neste trabalho, entretanto, apresentaremos o termo “gênero” de forma binária, pois foi como apareceu em nossos dados.

Nesse livro, Green utiliza sua Teoria do Significado Musical para explicar as relações de gênero. Essa teoria tem nos ajudado a entender tipos de experiências musicais que Green denomina “celebradas”, “alienadas” ou “ambíguas”. Essas experiências são vivenciadas a partir de combinações de dois tipos de significados musicais que, segundo Green (1988), atribuímos ao escutarmos uma produção sonora: delineado e intersônico (2008). O primeiro refere-se aos aspectos extramusicais relacionados à uma música, à letra, ao ambiente em que se escuta, ao videoclipe, às pessoas que executam e suas aparências. Já o significado intersônico tem relação com os aspectos diretamente ligados à música como melodia, harmonia, ritmo, instrumentação, arranjos e timbres.

Green (1997) relaciona a teoria do significado com gênero, um exemplo seria: Em um show de rock existe uma banda composta por uma maioria de homens, com exceção da cantora, que é uma mulher. Após a apresentação o público vai até os musicistas para elogiar a performance. Para os instrumentistas os elogios são: o timbre da sua guitarra estava muito bom, adorei o solo de baixo, os ritmos na bateria foram muito legais. Elogios ligados ao significado intersônico. Mas para a cantora os elogios são: adorei sua roupa, você estava linda. Elogios

ligados ao significado delineado. Para o público, muitas vezes a parte musical da performance de uma mulher é escondida por aspectos extramusicais

### **Gênero na escola**

Em um artigo sobre diversidade de gênero e sexualidade na docência de música, Wenning (2020, p.216) faz um levantamento bibliográfico da literatura sobre música e gênero e constata a “escassez de trabalhos sobre como professores/as de música da educação básica têm lidado com a diversidade de gênero e sexualidade na sua atuação profissional”.

Na escola, nós futuros docentes vamos entrar em contato com situações e discussões que permeiam gênero, assim como raça e sexualidade, e precisamos ter alguma base para que saibamos lidar com isso.

A aula de música, seja em qualquer contexto, não é diferente do cotidiano de uma escola regular. Frequentemente ocorrem situações e discussões que envolvem as questões do gênero e sexualidade, sejam elas repercutidas por circunstâncias cotidianas ou fomentadas sobre alguma música, que abarque essa temática de forma direta ou indireta. (SIQUEIRA, 2019, p.16)

Existe uma necessidade de pensar gênero na escola. Pensar sobre o que é colocado para as meninas e para os meninos e como isso pode impactar em seus processos de educação. Desde pequenas, as crianças são divididas de acordo com o gênero, tratadas de forma diferente. Isso acontece desde a divisão entre meninos e meninas nas brincadeiras e a definição de cores para cada gênero. Passa pelo brinquedo que o menino deve brincar, brincadeiras ativas e que exijam estratégias e ao que a menina deve brincar, sempre relacionado ao cuidar. Chega também nas aulas de música, na escolha de instrumentos que seriam mais “adequados” para cada gênero, no gosto musical e na participação durante as aulas. Essa separação se torna “natural” em grande parte das escolas e as crianças que fogem desses padrões podem causar estranhamento nos professores. (LOURO, 1997, p.63 e 64)

É necessário que desde a infância exista um trabalho de conscientização por parte dos educadores e educadoras para tentar não reforçar esse sistema binário. Para isso, podemos usar diversas ferramentas, como a não separação de filas por gênero ou o incentivo de experimentar brincar com um brinquedo que nunca brincou.

A escola consegue ser uma ferramenta para romper padrões que reforçam ideias retrógradas de gênero. Ela pode tanto reproduzir, quanto tem o potencial de mudar aos poucos essa separação por gênero e também a mentalidade de que existe “coisa de menina” e “coisa de menino”.

## **Metodologia**

Para a pesquisa procuramos um espaço educacional que tivesse prática musical. Infelizmente poucas escolas públicas regulares do Distrito Federal (DF) têm aula de música. Por isso escolhemos uma escola parque, escola de natureza especial que funciona no contraturno de crianças do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Entrei em contato com a coordenadora escolar, que concordou que para esta pesquisa faríamos: questionário com docentes, observação de uma aula, entrevista com os estudantes dessa turma, e se necessária, uma entrevista com seus professores. Nesta comunicação, discutiremos os dados provenientes das entrevistas com as crianças e com os professores.

O tipo de entrevista escolhido foi a semiestruturada, para que houvesse perguntas pré formuladas, assim como liberdade de perguntar o que fosse pertinente para a pesquisa. Para Penna (2023, p.140), a entrevista semiestruturada é “tanto solicitar informações sobre a formação ou experiência do professor ou educador, quanto buscar, com mais flexibilidade, suas concepções ou significados que atribui à sua própria prática”. Para as entrevistas foram formulados roteiros a serem seguidos, mas que também propiciavam abertura para outros assuntos que circundassem o tema e que viessem à tona.

Nas entrevistas com as crianças elas foram divididas entre meninos e meninas e de acordo com suas respectivas turmas na escola, tivemos duas turmas participantes que nomeei A e B. Na entrevista com os professores havia 3 docentes: 1 mulher e 2 homens. No roteiro da entrevista com as crianças havia 13 perguntas e no roteiro dos docentes havia 20 perguntas. No decorrer da análise, utilizarei pseudônimos para me referir aos professores participantes da pesquisa. Para minhas falas durante as entrevistas, usarei: “N-”, a primeira letra do meu nome. Para as crianças utilizarei, em cada fala, um travessão: “-”. Quando nomes de crianças são citados, serão usados pseudônimos. Essas decisões foram tomadas para preservar a identidade das crianças e dos professores participantes

## **Análise**

Como apresentado anteriormente, a literatura discute que existe uma diferença na experiência que crianças, meninas e meninos, têm em sua vivência na escola. Isso também acontece na aula de música, muitas vezes, na distribuição dos instrumentos ou na escolha de quem vai cantar. Apresentarei e confrontarei dados da entrevista com as crianças e com os professores.

Decidi investigar a forma com que meninos e meninas da escola pesquisada têm contato com instrumentos musicais, visto que: “Alguns instrumentos, por séculos, foram bem-vindos para mulheres e foram considerados aceitáveis ou até desejáveis que as tivessem como instrumentistas, enquanto outros foram, em diversos períodos históricos, evitados ou proibidos para elas”. (ALVES, 2020, p.21) Apesar de ter consciência dessa divisão social de instrumentos por gênero, os professores da escola parque me atentaram que a forma de ensino presente não tem como objetivo a escolha de um instrumento específico, mas a experimentação e a prática de diversos instrumentos.

Pedro: Me parece que nessa faixa etária que a gente trabalha aqui, ou então é porque é num contexto escolar, não sei. Não é tanto num contexto de performance assim tão claro, mas eu não consigo reparar uma diferença definida pelo gênero, sabe? Os meninos e as meninas tocam tambor, tocam tudo de percussão. Por exemplo, violão, que é um instrumento que tem na minha sala, meninos e meninas querem aprender. A hora que eu deixo o violão vai um monte em cima, então não consigo notar assim uma diferença. Raiane: Eu prefiro que todos experimentem tudo, a gente faz uma organização, mas onde todos possam ter a chance de experimentar todos os instrumentos.

Felipe: E quando apresenta instrumento todos experimentam. E conhecem a sonoridade, mas também o manuseio dele mais ou menos. E aí quando vai fazer algum trabalho a gente vê quem pode ser, que menino se identifica mais com o instrumento. Mas também tem alguns alunos que a gente já conhece de outros anos, então a gente já sabe como eles trabalham, às vezes, a gente coloca instrumentos mais difíceis.

(Entrevista em grupo com professores, 5 de julho de 2023)

Percebo que em idades mais avançadas, em conservatórios e em escolas de música, por exemplo, a divisão de instrumentos por gênero é mais visível. No contexto da escola parque também considero que exista uma abordagem mais igualitária ao propor que as crianças experimentem, toquem e escolham seus instrumentos favoritos no decorrer das práticas musicais. Romero também concorda com a visão dos professores entrevistados, ao dizer:

...recordamos idéias que já estão sendo postas em prática para ajudar a romper com os estereótipos de gênero desde o estudo e a prática da música: fazer com que todos os alunos dos dois sexos<sup>1</sup> participem de todas as atividades musicais (tocar qualquer instrumento, interpretar todos os gêneros, compor em qualquer estilo musical...), incluir mulheres compositoras e intérpretes no currículo, promover o debate e a tomada de consciência, analisar as letras de canções de todos os estilos musicais. (ROMERO, 2010, p.11)

Apesar de concordar que a escola parque seja um contexto mais igualitário, me pergunto se as meninas realmente têm essa liberdade de experimentar todos os instrumentos e a permissão de gostar de qualquer um deles. Adichie (2017, p.27) descreve uma situação: “Sua

---

<sup>1</sup> Estamos cientes que a palavra mais adequada seria “gêneros” nesse caso e que não existem apenas dois gêneros.

teoria é que pais e mães inconscientemente começam muito cedo a ensinar às meninas como devem ser, que elas têm mais regras e menos espaço, e os meninos têm mais espaço e menos regras.”

Durante a educação e a socialização é comum que existam exigências maiores para as meninas, para que sejam quietas, compreensivas, atenciosas, estudiosas, cuidadosas. Essa forma de patriarcado pode influenciar a escolha de um instrumento quando são disponibilizados diversos na sala de aula. Isso pode até afetar as respostas das meninas quando elas dizem qual é seu instrumento favorito. É possível perceber nas falas das crianças algumas diferenciações na hora da escolha de instrumentos. Durante as entrevistas com as crianças do grupo A, meninos e meninas tiveram como preferência instrumentos variados, mas ao mesmo tempo semelhantes. Citaram piano, violão, voz, flauta e cajon. Mas uma coisa interessante foi quando perguntei para os meninos quais instrumentos eles achavam que as meninas mais gostavam de tocar e as respostas foram:

- Piano.
  - Violino.
  - Violão.
  - Nenhum, nenhuma, não tenho resposta.
- (Entrevista em grupo, meninos grupo A, 14 de junho de 2023)

Achei curioso e perguntei se tinha violino na escola ou se já tiveram aula de violino, e a resposta foi não. Isso pode ter acontecido porque tanto o violino quanto outros instrumentos pequenos e de pouca projeção são relacionados com a feminilidade. Já as meninas do grupo B dizem que os meninos da turma preferem instrumentos de percussão graves, que são relacionados com a masculinidade.

- Assim também preferem tocar, eles tipo se animam mais para tocar outro instrumento do que a gente.
  - Tipo o bumbo.
  - Eles tocam instrumentos mais graves do que a gente.
- (Entrevista em grupo, meninas grupo B 14 de junho de 2023)

No livro de Green (1997, p.168), na parte das entrevistas com os professores, ela pergunta: “Qual grupo é mais bem sucedido em tocar?”. A grande maioria dos professores responderam “garotas” e complementam que os garotos ou por vergonha de tocar instrumentos, pela pressão do grupo, por ser visto como uma coisa de “mulherzinha” ou por ter maior interesse em esportes estão menos envolvidos com a aula de música.

Além das práticas instrumentais, a prática do canto também nos traz dados sobre a relação das crianças com a música.

## Canto

Diria que o patriarcado musical aparece mais ainda quando tratamos da voz cantada. Quando Green (1997) pergunta, em sua entrevista com professores: “Que grupo é mais bem sucedido em cantar?”, as respostas são em grande maioria “garotas” com exceção de um professor que diz “ambos”, as justificativas são:

-garotas. Os meninos têm uma atitude muito imatura em relação a esta atividade, provavelmente devido à opinião e pressão dos pais, e também à ênfase no esporte.

-ambos igualmente. Ambos são igualmente capazes de cantar. muitas vezes o canto é associado como uma atividade feminina, embora...

(GREEN, 1997, p.170 e 171, tradução própria)

Na minha pesquisa, durante as entrevistas com as crianças, as meninas de ambos os grupos se consideram boas cantoras. Um dos meninos relata que não gosta de cantar porque acha sua voz feia e outro colega diz que até gosta de cantar, mas só em casa, pois tem vergonha de cantar na escola.

N- Vocês gostam de cantar?

-Odeio.

-Mais ou menos, no chuveiro.

N- No chuveiro, e na escola não?

- (faz que não)

N- Por que na escola não?

-Parece que fica ruim.

N- Fica ruim? Você não gosta de como sua voz soa?

-Parece que você quando pensa que você tá cantando maior bonito, [muito bonito] né? Quando você percebe que você tá cantando maior feio. [muito feio]

(Entrevista em grupo, meninos grupo B, 14 de junho de 2023)

Na entrevista com as crianças, quando pedido para que dissessem suas próprias qualidades na aula de música essas foram as respostas:

-Cantar.

N- Em cantar, legal.

-Eu sou muito bom em tocar.

N- Em tocar o que?

-Cajon, triângulo e piano.

N- Humm, legal e você?

-Bom, eu acho que eu sou bom em tocar, mas só o cajon.

(Entrevista em grupo, meninos grupo A, 14 de junho de 2023)

Essa fala de um menino do grupo A, que diz que é bom em cantar, é a única vez que um menino fala positivamente do canto, sem ressalvas ou vergonhas. As meninas têm uma visão

de que o canto é algo mais “de menina”, além de todas elas relatarem que gostam de cantar, uma delas diz:

-Nossa, tipo a minha qualidade, minha e das meninas também, é que tipo na nossa sala, no nosso grupo inteiro né, que tem os mesmos professores, os grupos do nosso grupo canta [cantam] muito muito mais muito mais muito bem. Por mim, eu acho que eu sou a pessoa que canta melhor do mundo, do Universo. (Entrevista em grupo, meninas grupo B, 14 de junho de 2023)

Quando perguntado se os meninos gostam de cantar, disseram:

-Não.

-Também eu acho que não, também porque também eles não cantam muito assim.

-Eles não têm uma voz graciosa.

(Entrevista em grupo, meninas grupo B, 14 de junho de 2023)

Os professores participantes da entrevista também relatam sobre o canto em suas aulas:

Raiane: Até 1º e 2º ano os meninos até que cantam, mas quando eles vão crescendo aí acho que vão ficando “aí não quero cantar isso, não quero aprender aquilo”, e aí as meninas acabam cantando.

Felipe: Porque gosta mais de cantar, as meninas, eu acho que gosta [gostam] mais. Muito menino não gosta de cantar, fica com vergonha e as meninas são menos envergonhadas, acho que esses são uns dos motivos.

Pedro: Observo uma coisa parecida, a gente tem aqui o bloco BIA, [Bloco Inicial de Alfabetização] 1º, 2º e 3º, e o segundo bloco que é 4º e 5º. De fato, parece que no 4º e 5º, eles estão já mais conformados na lógica social e parece que dançar e cantar é uma coisa associada ao feminino já, parece que eles já internalizaram isso, entende? Eu tenho um pouco essa sensação, apesar de ter meninos que cantam, dançam, parece que ali eles querem mais tocar ou então fazer coisa de esporte, porque o resto é de menina.

(Entrevista em grupo com professores, 5 de julho de 2023)

Essa diferenciação de comportamento de acordo com gênero e em relação ao canto não é uma especificidade dessa escola. Romero (2010, p.4) relata que “Se nos centrarmos na vivência atual nas aulas, em geral os meninos reagem mais a cantar. O canto costuma estar associado a meninas, e no homem é muitas vezes considerada uma atividade ‘afeminada’”. Para discutir sobre a prática musical das crianças, também discutiremos qual a relação desses alunos com o repertório usado em sala de aula.

## **Repertório**

Uma das perguntas da entrevista com as crianças foi: “Vocês gostam das músicas que estão sendo tocadas nas aulas de música? Por quê?”. As meninas de ambos os grupos afirmam que gostam das músicas levadas pelo professor ou professora para a sala de aula. Elas

conseguem citar o nome da música ou cantar um trecho. As meninas do grupo A dizem que os meninos, da sua turma, não gostam das músicas levadas pela professora.

- Só que os meninos fica [sic] implicando pra colocar outra.
  - Eles ficam implicando pra botar funk.
- (Entrevista em grupo, meninas grupo A, 14 de junho de 2023)

Os meninos do grupo A não falam muito sobre o repertório, têm respostas pouco desenvolvidas mesmo quando eu tentava perguntar mais especificamente. As meninas do mesmo grupo haviam citado que Michael Jackson era um repertório utilizado, então perguntei se gostavam.

- N- E vocês gostam das músicas que a tia Raiane coloca na aula?
  - Sim.
  - Mais ou menos.
  - N- Vocês sabem quais vocês não gostam? Você lembra? De Michael Jackson vocês gostam?
  - Sim.
- (Entrevista em grupo, meninos grupo A, 14 de junho de 2023)

As meninas do grupo B, além de afirmarem que gostam das músicas, citaram o nome, e às vezes até cantando a música.

- Eu gosto, mas a do “meu cachorro meu amigo”.
  - Eu gosto da do “meu gatinho do meu gatinho”. [...]
  - Eu gosto da “aula de música” (todas cantam, o professor que estava passando pela sala toca no violão). [...]
- (Entrevista em grupo, meninas grupo B, 14 de junho de 2023)

Já os meninos do grupo B disseram que gostam de algumas músicas levadas pelo professor, e quando perguntados quais, um deles citou o nome de uma música e o outro não lembrou e disse que tem preferência em músicas que não são em português. Quando perguntei se ele lembrava de alguma música que gostava, ele tentou cantarolar uma, mas não conseguiu lembrar.

- N- Vocês gostam das músicas que toca aqui na sala de aula de música?
- Mais ou menos.
- (faz que sim)
- N- Você gosta?
- Eu gosto.
- N- Você gosta de todas?
- Quase todas.
- N- Qual que você mais gosta?
- A “puxada de rede”.
- N- Ah vocês estão cantando agora, né? Legal. E você qual que você mais gosta?
- Nenhuma.
- N- E por que que você não gosta?
- Eu não sou tão [ligado] em músicas em português não.

(Entrevista em grupo, meninos grupo B, 14 de junho de 2023)

Perguntei também aos professores sobre o repertório utilizado em sala de aula e o motivo das escolhas.

Raiane: Depende do grupo. Mas por exemplo agora eu estou usando muito xote, baião, fazendo roda com eles. Usando os instrumentos que são de percussão que são principais ali que é o agogô, o triângulo, o tambor, ou fazendo por exemplo no ritmo com copos. A gente está fazendo também baião e está mais pra essa onda do Nordeste, mas já tocamos samba. O ano passado a gente já tocou samba, a gente fez um projeto, com vários estilos musicais então depende do que a gente está propondo assim no bimestre.

Pedro: ...então é muito de sensibilização e muito esse trabalho que a Raiane falou assim de conscientização sonora de repertórios. Então o trabalho pode ser mesmo com o que eles trazem, mas é o que fazer com aquele repertório que eles trazem? Como experimentar com aquele repertório? Então é muito por aí que a gente trabalha então acaba sendo um repertório muito amplo, depende do tema, depende da época. Agora todos nós estamos trabalhando com festa junina. É mas por aí ou depende da preferência do professor. [...]

(Entrevista em grupo com professores, 5 de julho de 2023)

Os professores relatam que as escolhas de repertório dependem da época do ano, que tema está sendo trabalhado na escola, interesse próprio e interesse dos alunos. Também falam sobre a prática musical que acontece a partir das músicas escolhidas e que parecem ser essenciais para o (re)conhecimento desses repertórios. “Quanto maior a familiaridade, mais positiva é a experiência em relação aos significados inerentes da música, e não há melhor maneira de aumentar a familiaridade com a música do que a própria pessoa tocar ou cantar”. (GREEN, 2012, p.78)

Ao analisar as falas das crianças a partir da teoria do significado de Green, parece que as meninas vivenciam principalmente experiências de celebração com o repertório utilizado, visto que elas se identificam com a música em seus aspectos musicais e extra musicais. Já os meninos gostam apenas de algumas músicas, ou de nenhuma, então têm experiências de alienação, celebração e de ambiguidade, ou seja, tipos diferentes de experiência musical. Só pude ter esses dados ao analisar as respostas das crianças, pois não foi feita essa pergunta durante as entrevistas.

Apesar dessa análise, Green (1997) traz que é muito difícil que mulheres vivenciem experiências musicais completas por não terem experiências de celebração:

Para as mulheres e meninas que argumentei, a experiência mais completa de celebração plena deve ser muito rara, e talvez seja quase impossível: porque o delineamento masculino onipresente sempre vai excluir até certo ponto, a ouvinte feminina, gerando até mesmo uma leve ambiguidade no relacionamento. (GREEN, 1997, p.218, tradução própria)

Penso que mesmo sendo difícil existir uma experiência de celebração, não é impossível. Eu tive experiências celebradas em minha prática musical e acho que mulheres realmente podem ter, mas para um homem ter essa experiência é muito mais fácil. Isso porque “a música delinea masculinidade, uma mente masculina, um homem por trás da música”. (GREEN, 1997, p.114, tradução própria) Para nós mulheres vivenciarmos uma celebração é necessária uma quebra da barreira da masculinidade presente na música.

Refletindo sobre as experiências musicais das crianças na aula de música, penso que o objetivo do professor seja proporcionar experiências musicais diferentes. Ao levar um repertório, perceber que alunos estão tendo experiências de alienação, de ambiguidade e de celebração, para tentar na próxima vez, fazer que tenham outro tipo de experiência.

## **Considerações Finais**

O patriarcado musical interfere nas relações de meninas e meninos com a música. Em algumas situações, esse patriarcado é percebido inclusive pelas crianças quando elas relatam uma visível diferença de seus colegas de turma na preferência de instrumentos. Nesse mesmo assunto de instrumentos, os professores dizem que todas as crianças tocam tudo. Podemos perceber que às vezes a visão das crianças difere da dos professores, mas às vezes também concordam. Quando, por exemplo, crianças e professores dizem que meninos são mais relutantes para cantar enquanto as meninas gostam de cantar.

Na Escola Parque 313/314 Sul senti que a questão de gênero não é muito abordada principalmente com as crianças. Na rotina existe uma separação em filas de meninos e meninas, no recreio as meninas relatam não estarem confortáveis para jogar com os meninos, então elas não jogam.

Na introdução, fiz algumas perguntas e aqui as retomo para verificar se foram respondidas no decorrer do trabalho. As meninas, já na infância são incentivadas a cantar e tocar instrumentos pequenos e com pouca projeção? As meninas consideram que realizam bem as atividades? Meninas e meninos gostam das músicas que são levadas para a sala de aula?

Os professores incentivam que todas as crianças experimentem todos os instrumentos, mas o patriarcado musical faz com que exista instrumentos mais “adequados” para meninas e para meninos. As meninas se consideram boas cantoras e também boas em tocar os instrumentos. As meninas gostam das músicas levadas para a sala de aula, e se apropriam delas,

enquanto os meninos, em sua maioria, não se relacionam bem com as músicas ou não gostam delas.

Com esse trabalho entendi que na minha atuação como professora precisarei sempre repensar minhas ações docentes para não repetir padrões dessa divisão de gênero. Além de incentivar meninas e meninos a fazerem coisas que não são, necessariamente, pré-determinadas por seu gênero.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para Educar Crianças Feministas: Um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 96 p.
- ALVES, Aldrey Cristine. As Marcas da Desigualdade de Gênero na Escolarização e na Educação Musical. *Música em Foco*, São Paulo, v.2, n1, p.16-24, 2020.
- BELL, Judith. *Projeto de Pesquisa: Guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. 4ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2008. 224 p.
- GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da Abem*, Londrina- PR , v.20, n.28, p.61-80, 2012.
- GREEN, Lucy. *Music gender education*. Londres: Cambridge University Press, 1997. 282 p.
- GREEN, Lucy. *Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy*. Londres: Ashgate Publishing, 2008. 226 p.
- GREEN, Lucy. *Music on deaf ears: musical meaning, ideology and education*. 2ª Edição. Londres: Arima Publishing, 1988. 174p.
- LOURO, Guaciara Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós estruturalista*. 6ª Edição. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 1997. 179 p.
- PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. 4ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2023. 199 p.
- ROMERO, Nieves Hernández. A influência da educação musical na transmissão de papéis sociais associados ao gênero. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 5, n. 1, p. 81–92, 2011.
- SIQUEIRA, Rosa Amélia Marques. *Artivismo, Gênero e Educação Musical: perspectivas para uma transformação social*. Natal, 2019. 90p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música). Escola de Música. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- WENNING, Gabriela Garbini. Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as de música da educação básica. *Revista da Abem*, v. 28, p. 211-229, 2020.